

Apresentação

Alicia Norma González de Castells

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

E-mail: aliciacastells@superig.com.br

O presente Dossiê foi idealizado a partir da presença de pesquisadores que no decorrer do ano de 2011 participaram de diversas formas da vida acadêmica da Antropologia da UFSC, alguns deles de forma visceral, tecendo transversalidades entre os campos do patrimônio, dos museus e da cidade.

O Núcleo Docente Estruturante do novo Curso da Museologia da UFSC, com apoio da Pró-Reitoria de Graduação e do Instituto Brasil Plural (INCT/Cnpq) organizou um ciclo de minicursos e de palestras do qual participaram diretores de museus, museólogos e antropólogos de várias instituições nacionais e latino-americanas, entre eles estavam Mario Chagas (IBRAM), Regina Abreu (UniRio), Ana Maria Gálvez Barrera (Dirección Regional de Cultura de Cuzco – PERU) e outros. A visita desses profissionais provocou um frutífero intercâmbio de ideias junto ao coletivo local de professores, de alunos e de técnicos do Museu de Arqueologia e Etnologia (MARquE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUI – PPGAS/UFSC/CNPq) organizou o I Seminário de Patrimônio Cultural e Museologia da UFSC propiciando, durante esse evento, o intercâmbio acadêmico entre pesquisadores de diferentes instituições nacionais e

estaduais (UFRGS, UNIRIO, UNG, UFAM, UNIVALI, FURBE, UDESC), de instituições internacionais (UBA e Università di Roma – La Sapienza) e dos museus (UFAM e UFSC). O evento contou com um público amplo reunido por meio de diferentes vínculos do campo patrimonial: arqueológico, museal, urbano e o patrimônio imaterial. Os artigos desse encontro foram reunidos em uma coletânea cuja preparação se encontra em andamento.

Com esse mesmo viés, o NAUI, durante o segundo semestre de 2011, contou com a participação de três pesquisadores: Vincenzo Padiglione, Agustí Andreu Tomàs e Jeana Laura da Cunha Santos. Padiglione e Tomàs tiveram uma ampla atuação intramuros e extramuros da UFSC, já que ministraram minicursos acompanhando pesquisas do NAUI e adentrando no conhecimento da história catarinense por meio de pontos cruciais de referência patrimonial, como a Guerra do Contestado.

Proveniente do Jornalismo e da Literatura, Jeana Santos ingressou no PPGAS como pós-doutoranda e participa dos projetos desenvolvidos pelo NAUI proferindo algumas palestras e colaborando na produção textual dos estudantes e dos pesquisadores do Programa.

A produção intelectual aqui reunida abriga reflexões de autoria de quatro pesquisadores que passaram pelo Departamento de Antropologia, são eles: Regina Abreu, Vincenzo Padiglione, Agustí Andreu Tomàs e Jeana Laura da Cunha Santos. O intuito desta obra é fazer com que o leitor, próximo ao campo patrimonial, transite na procura de chaves interpretativas desse campo. Uma delas é constituída pelo vínculo estabelecido entre cidade e patrimônio. Em tal campo, destacam-se questões geminais como o duplo movimento da ação patrimonial: o da preservação e do apagamento do objeto e a da importância das narrativas e dos percursos urbanos na recuperação dessas “ruínas” apagadas do movimento patrimonial. A outra chave é constituída pelo vínculo estabelecido entre patrimônio e museus. Nele se valoriza a perspectiva etnográfica, a (re)contextualização do objeto etnológico, a renovação museográfica e a museologia colaborativa.

Regina Abreu, professora, pesquisadora e militante de longa data nos estudos de memória e patrimônio, constitui uma referência

obrigatória no meio brasileiro. Em seu artigo *Colecionando museus como ruínas: percursos e experiências de memória no contexto de ações patrimoniais*, ela sinaliza que a noção de patrimônio, que se afirmou no contexto do Ocidente moderno durante os séculos XIX e XX, caminhou lado a lado com o paradigma oculocêntrico da sociedade moderna. Nesse viés, o objeto de preservação e de restauração estaria sempre sujeito a uma seleção limitada e intencional. Em seu trabalho, a autora afirma que o movimento de patrimonialização seria, por sua vez, movimento de apagamento.

Desse modo, o artigo, que se baseia em análises do filósofo alemão Walter Benjamin, chama a atenção para o fato de que, como ruínas, os bens tombados ocultam também diversas ocupações e usos sociais. Tomando a metáfora do “flaneur” e da proposta de recuperação da noção de experiência com base num novo colecionismo, a autora propõe uma metodologia de pesquisa (a etnografia dos percursos) para estudar os museus do Estado do Rio de Janeiro como ruínas.

Tomando também como base as análises benjaminianas sobre a cidade e os seus tipos (como o *flâneur*), a jornalista, professora e doutora em Teoria Literária, Jeana Laura da Cunha Santos, em seu artigo *Da casa da palavra ao olho da rua: a crônica como uma narrativa urbana*, propõe-se a fazer uma reflexão sobre a transposição do espaço privado para o público. Tal passagem é mediada pelo olhar “encantado” dos primeiros jornalistas/*flâneurs* que escreveram suas crônicas sobre tipos, fatos, modas, costumes e espaços urbanos no Rio de Janeiro da virada do século XIX para o século XX, cidade que abarca parte importante do imaginário nacional brasileiro e que inauguraria um *ethos* presente até os dias atuais. Nessa travessia entre a casa e a rua, a escritura de passagem da crônica, uma narrativa urbana, viria a se tornar emblemática da experiência moderna de habitar o espaço da urbe, inaugurando assim a cidade como um lugar antropológico de produção de novos sentidos e comportamentos.

O antropólogo e pesquisador italiano Vincenzo Padiglione é, sem dúvida, um nome importante na atualidade, sobretudo pelas suas reflexões e análises sobre o papel do museu – instituição nascida na Idade Média – na contemporaneidade. O professor associado da

Sapienza Università di Roma, onde, entre outras atribuições, leciona antropologia cultural, museologia e etnografia da comunicação e é diretor da Revista *Antropologia Museale* e possui inúmeras publicações na área. Dentre elas, está o artigo *O efeito marco: as mediações do patrimônio e a competência antropológica* que mesmo publicado originalmente no final da década de 1990 mantém-se atual. O artigo questiona a noção de mediação do patrimônio à luz de uma virada reflexiva que está transformando a antropologia e a museologia. Na primeira parte são apresentadas e interpretadas três concepções de patrimônio cultural (meta-histórica, disciplinar, hermenêutica) e como essas concepções são detectáveis nas representações e nas práticas de diferentes atores. A segunda parte propõe critérios específicos para a mediação antropologia patrimônio (dupla descrição, cortesia cósmica e o reconhecimento da mediação), que são valorizados na perspectiva etnográfica e na museologia colaborativa.

Devido à atualidade do artigo decidiu-se reunir uma equipe de integrantes do NAUI, formada pelos pesquisadores Dagoberto Bordin, Jeana Santos e Rafael Rodrigues, para uma tradução que será publicada, na íntegra, nesta edição da *Ilha Revista de Antropologia*. Com isso prete-se disseminar um pensamento que o próprio Padiglione, nas suas andanças pelo Brasil e, mais precisamente, pela UFSC, em 2011, quando a visitou a convite do Instituto Brasil Plural (INCT/Cnpq), endossou, que é o seguinte: a importância de se compreender os objetos museais a partir de seu vínculo estreito com a comunidade-território de onde se originam, e não apenas entendê-los como representação fetichizada dessas comunidades.

A redefinição do papel do museu e a recontextualização também são propostas do professor doutor em Antropologia Urbana (Tarragona, Espanha) Agustí Andreu Tomàs. Em seu artigo *Los museos de etnología en Europa: entre la redefinición y la transformación*, ele analisa o processo de redefinição dos museus de etnologia na Europa, caracterizado por uma recontextualização do objeto etnológico e por uma profunda renovação museográfica. Essa recontextualização do objeto etnológico afeta, na visão do autor, tanto os museus de temática “exótica” como os que contêm o patrimônio da cultura local. Os museus que constituíram sua identidade a partir do típico modelo colonialista da sociedade ociden-

tal se veem obrigados a redefinir seu papel. Na concepção do autor, a maioria desses museus se converteram em um espaço de diálogo e de reconhecimento entre culturas, orientando-se por uma reflexão sobre o multiculturalismo e sobre as relações interculturais.

É com tal perspectiva de diálogo, de reflexão e de redefinições de papéis na fronteira entre os territórios e as disciplinas que os autores desta edição da revista transitam. Espera-se contribuir para ampliar o debate e instigar novos insumos à pesquisa na interface entre a Museologia e a Antropologia.